



This project has been funded with support from the European Commission. This publication reflects the views only of the author, and the Commission cannot be held responsible for any use which may be made of the information contained therein.

RECOMENDAÇÕES PARA ORGANIZAÇÕES COMUNITÁRIAS LOCAIS EM PORTUGAL

DATA

8 Março 2018

Algarve, Portugal

NOME DO PROJETO

Old Guys Say Yes To Community

16-204-021604

KA2-AR-9/16

PREPARADO POR

Doutor António Fragoso

Doutora Sandra Valadas

Doutora Carla Vilhena

DISSEMINADO EM

Julho 2018

Os investigadores Portugueses, trabalhadores sociais e educadores têm mostrado, nas últimas décadas, um interesse crescente nos processos de envelhecimento. Entre a academia, há um movimento robusto que defende uma perspetiva ecológica do envelhecimento, muito influenciada pela psico-gerontologia. Neste movimento podemos identificar um conjunto de estudos sobre processos globais de envelhecimento (Paúl & Ribeiro, 2009), solidão e deficiência (Paúl, Ayes, & Ebrahim, 2006), entre muitos outros assuntos. Também as perspetivas sociológicas sobre o envelhecimento estão a aumentar a sua influência cobrindo variados temas, como o cuidado e os cuidadores (São José, 2012), o envelhecimento ativo (e.g. Gil, 2007; Machado, 2007; Quaresma, 2007; Villaverde Cabral et al, 2013), ou as múltiplas relações entre o envelhecimento e o trabalho (e.g. Vicente, 2007).

Os investigadores que estudam a educação e a aprendizagem dos mais velhos são em menor número. Mesmo assim podemos identificar estudos focados sobre a aprendizagem e o bem-estar (Machado & Medina, 2011), ou as transições para a reforma (Velo, 2011a, 2011b). Existe um forte movimento, em Portugal, de universidades da terceira idade ou similares (juntando instituições de várias naturezas, são cerca de 500, em Portugal, embora faltem investigações quantitativas precisas sobre o tema). No entanto, temos motivos para pensar (Velo, 2011a) que há uma predominância, nestes espaços de aprendizagem, de mulheres de classe média com altos níveis educativos – um padrão já conhecido noutros países Europeus (Findsen & Formosa, 2011). As universidades da Terceira idade representam uma excelente oportunidade educativa, mas geralmente os homens estão sub-representados nas suas atividades. Temos, também, razões para acreditar que muito do que ocorre em termos de aprendizagem dos homens toma lugar em espaços da comunidade. Esta aprendizagem não parece ser estruturada ou formalizada. Pelo contrário, parece ser sobretudo informal, de caráter prático e muito diferente em termos dos seus componentes relacionais e comunicativos. A investigação existente, ainda que simplesmente exploratória (Fragoso et al, 2014; Fragoso & Formosa, 2014; Ricardo et al, 2014) mostra-nos que se trata de um conjunto de fenómenos que merece a nossa atenção e maiores esforços investigativos.

Apesar da diversidade dos trabalhos que existem na investigação académica, o cenário dominante nos ambientes comunitários é relativamente simples de caracterizar. De facto, os fatores que parecem determinar as dimensões mais importantes do mundo social dos adultos mais velhos em Portugal, são:

- A intensidade dos processos de envelhecimento;
- A existência de uma geração empobrecida de adultos mais velhos, que viveu a sua vida ativa em termos muito diferentes, globalmente definida pelas condições da classe trabalhadora durante o regime do Estado-Novo.
- A quase ausência de políticas sociais que permitam às comunidades ser o local privilegiado da resolução de problemas dos adultos mais velhos, ao mesmo tempo que as políticas públicas existentes promovem o assistencialismo e a institucionalização das gerações envelhecidas mais pobres (Paulos & Fragoso, 2017).

Estes fatores têm empurrado os adultos mais velhos para três espaços dominantes, no seu mundo social, quando o espaço natural familiar deixa de ser uma opção, devido a um conjunto alargado de fatores. Estes três espaços possuem um importante potencial, no que toca ao desenvolvimento de atividades educativas e de aprendizagem – o que é bem claro na região Algarvia, onde a nossa investigação se desenvolveu:

- 1) Instituições cuidadoras, incluindo centros de dia, lares, serviços de assistência ao domicílio, etc. Embora muitas possuam programas educativos, esta não é uma regra geral. Mais comuns são programas de animação comunitária com a perspetiva central da simples

ocupação dos tempos livres dos adultos mais velhos. É preciso notar que a idade média dos “utentes” está a aumentar e que as consequências são particularmente notórias no que respeita aos problemas de saúde mental dos mais velhos (demências, etc.), que limitam muito a autonomia e a independência das pessoas. Estas instituições têm um papel fundamental, por exemplo na assistência à geração empobrecida da região algarvia.

2) Instituições de aprendizagem: o caso típico das universidades da terceira idade, academias sénior ou outras designações semelhantes. São maioritariamente promovida por associações da sociedade civil – tal como no caso anterior, aliás -, embora muitas sejam promovidas, também, por Câmaras e Juntas de Freguesia. Os homens estão em minoria nestes espaços de aprendizagem.

3) Espaços informais na comunidade: incluem, forma pouco rígida, uma série de clubes, associações e mesmo grupos informais que se reúnem em espaços comunitários de forma espontânea (por exemplo, jogando petanca ou outros jogos). São difíceis de tipificar, pela sua diversidade, fragmentação e proliferação diferenciada, mas, geralmente, os homens participam mais nestas atividades, chegando a estar em clara maioria (clubes de caça, pesca, ou columbófilos, são apenas alguns exemplos).

PARTE 2: BREVE DESCRIÇÃO DO CONTEXTO E SÍNTESE DOS RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO

Neste projecto, entrevistámos 90 homens com mais de 60 anos (o mais velho tinha 93 anos) de três municípios: Faro e Olhão (zonas litorais, urbanas) e São Brás de Alportel (zona rural). Faro é um concelho com 64.560 residentes em 2011 (PORDATA, 2017) e é uma capital de distrito sobretudo marcada por serviços, onde estão implantados os maiores empregadores da região do Algarve (como o Hospital de Faro ou o aeroporto). Quanto a Olhão, contava com 45.396 residentes (INE, 2017). A cidade inclui um porto de pesca e possui uma identidade bastante diferenciada em relação a Faro, apesar da sua proximidade territorial. São Brás contava, em 2011, com 10.662 residentes, representando um concelho com uma grande área rural, com uma organização sociogeográfica completamente diferente. Os montes mais a norte estão fragmentados e isolados e o acesso desta população a serviços, consumo cultural, etc., é muito mais difícil. A área montanhosa, rural, está muito mais envelhecida.

O trabalho de análise de conteúdo das entrevistas revelou-se muito complexo, primariamente devido à enorme heterogeneidade desta população. Conseguimos divisar padrões quando estabelecemos dois critérios de base para dividirmos as entrevistas em três grupos diferentes: o nível educativo e o modo de vida rural/ urbano. Assim, a síntese dos resultados é apresentada, nas secções que se seguem, de acordo com estes três grupos.

1) Homens de zonas urbanas, com nível de escolaridade muito baixo (4 anos ou menos)

Este grupo inclui homens com quatro anos de escolaridade ou menos (alguns deles são analfabetos). A grande maioria começou a trabalhar muito cedo (entre os 8 e os 10 anos de idade) e acabaram por ter profissões manuais/ não qualificadas de tipos muito diferentes: trabalhadores da construção civil, sapateiros, pescadores, empregados no comércio local e na restauração, etc. Alguns mantiveram a sua actividade profissional ao longo do tempo, mas a maioria foi mudando de um trabalho não-qualificado para o seguinte. Alguns trabalhavam na economia informal, sendo, mais tarde, fortemente penalizados pelo facto. De uma forma ou outra, as suas profissões, aliadas às más condições de protecção social que lhes eram oferecidas pelo regime do Estado-Novo, durante uma boa parte da sua vida profissional,

permitted-nos afirmar que tiveram sempre profissões de baixa remuneração, com poucas possibilidades de acumular dinheiro a pensar na reforma. O baixo capital financeiro destes homens foi uma constante ao longo da vida destes homens e reflectiu-se, de forma ainda mais negativa, quando chegaram a uma idade mais avançada.

Os bens que possuem hoje são reveladores da situação em que se encontram: é muito raro encontrar um homem neste grupo que tenha carta de condução e nenhum possui automóvel – as bicicletas são mais comuns. Nem todos possuem TV. Nenhum usa computadores nem outros aparelhos digitais, exceção feita ao telemóvel. Ainda assim, nem todos têm telemóvel e os que têm, usam-no de forma muito básica – para fazer e receber chamadas. Nem todos têm uma casa onde viver: alguns dependem da generosidade alheia para ter um quarto ou uma dependência onde vivem. Apesar da idade ou dos anos de trabalho, muitos têm que continuar a trabalhar por uma pura questão de sobrevivência. Os valores das suas pensões, ou das pensões que iriam receber caso deixassem de trabalhar, é dramaticamente baixo. Quando ao longo do percurso de vida destes homens acontece um problema de saúde sério, estes homens não têm capacidade financeira para o ultrapassar, gerando-se um ponto de viragem em termos biográficos: problemas de saúde podem ser a causa de deficiência, de reforma antecipada, ou simplesmente dificultar muito a mobilidade, com efeitos negativos na socialização, ou outras dimensões da sua vida. Em síntese, muito destes homens vivem em situações muito precárias, em risco de pobreza ou declaradamente em situação de pobreza. Alguns não têm sequer capacidade para se alimentar, estando dependentes dos centros de dia (ou outras instituições que os ajudam) para obter duas refeições por dia.

As suas transições para a reforma, quando ocorrem, são geralmente problemáticas, por múltiplos motivos: o primeiro tem que ver com o seu baixo capital financeiro, fruto de uma vida laboral de baixos rendimentos e de pensões que reduzem, ainda mais, a sua capacidade financeira. Por outro lado, apenas uma minoria tem apoio financeiro por parte das suas famílias. Segundo, eventos críticos que ocorreram ao longo do seu percurso de vida, têm consequências negativas que se tornam mais visíveis depois da reforma: acidentes de saúde, ou morte de familiares, por exemplo. A morte das esposas é um acontecimento frequentemente traumático que muitas vezes aprofunda um certo estado de isolamento ou solidão e pode levar a depressões ou, até, pensamentos suicidas. Aqueles que têm famílias próximas com quem se relacionam beneficiam do seu apoio nestes momentos críticos e na adaptação a uma nova realidade. No entanto (e em terceiro lugar) a maioria destes homens está integrado em redes de sociabilidade de pequena dimensão (implicando menores probabilidades de receber e ceder apoio social) e relativamente insatisfatórias. De forma que muito falam de sentimentos de solidão. A TV, quando existe, ou o rádio, um livro ou falar ao telefone com os amigos que restam são as estratégias que identificámos e que podem ajudar a lidar com esta situação. Mas com poucos amigos (e reduzida capacidade para fazer novos amigos), e baixos rendimentos que os impedem de aceder à cultura, alguns com problemas de mobilidade e dificuldades nos transportes, não é de estranhar que se encontrem objectivamente isolados. As relações com os vizinhos não parecem contribuir para resolver a questão: embora quase todos digam que se relacionam positivamente com os vizinhos, estas relações são superficiais e não, propriamente, de amizade. Alguns relembram, com nostalgia, uma altura em que a comunidade era mais unida.

Também há uma minoria que parece ter conseguido, mostrando uma capacidade de ultrapassar as condições estruturais desfavoráveis, realizar transições para a reforma relativamente bem-sucedidas. Nestes casos, os fatores mais importantes para o conseguirem foram as seguintes: primeiro, alguns mantêm uma actividade profissional (já o dissemos, maioritariamente por necessidade) ou têm passatempos antigos (a pesca, por exemplo). Em segundo lugar, alguns mantêm atividades diárias de socialização, geralmente em espaços

públicos da comunidade (parques, o mercado) ou em cafés de bairro. Muitas vezes, esta socialização é feita à volta de jogos, como as cartas, dominós, etc.

É muito claro que nenhum destes homens tem uma actividade intelectual regular, nem estão envolvidos em actividades de aprendizagem mais estruturadas, sobretudo depois da reforma. Embora alguns deles tenham pertencido a associações de natureza diversa, hoje em dia não estão ativos. O mesmo padrão é válido para as actividades físicas – è exceção dos que a fazem por causa da sua profissão. Estes homens não mostram nenhuma vontade de participar, de futuro, em actividades de aprendizagem, o que é apenas natural. Tal como o facto de, maioritariamente, não conseguirem indicar actividades que gostariam de realizar. As únicas sugestões que recolhemos dizem respeito à importância do aumento e melhoria dos espaços públicos, na comunidade, onde pudessem ser organizadas actividades acessíveis para todos.

2) Homens de zonas rurais, nível de escolaridade baixo/ médio (a maioria com a escolaridade básica, mas alguns de nível secundário)

Este grupo inclui homens maiores de 60 anos, alguns analfabetos, outros com baixa escolaridade (entre o 6º e o 9º ano) e uma minoria com escolaridade de nível secundário. As características do seu espaço sociogeográfico são fundamentais para compreender a sua situação e o seu modo de vida, passada e presente. O espaço social desta zona serrana é caracterizado pela fragmentação e um forte isolamento. Os montes funcionam como agrupamentos de casas que foram constituídos, ao longo do tempo, à volta da pequena propriedade rural, mas não têm quaisquer serviços. O carro é crucial para o acesso, dado que os autocarros são muito pouco frequentes.

A grande maioria destes homens trabalhou ou trabalha como agricultores de subsistência ou trabalhadores manuais. A agricultura e a existência de pequenas hortas sempre foram importantes na vida das pessoas, até mesmo como complemento dos rendimentos do trabalho. Uma pequena percentagem exerce profissões técnicas e um número significativo trabalhava para a Câmara – um empregador importante na zona. Há uma minoria destes homens que têm e usa computadores. Todos têm telemóveis, embora a maioria faça deles um uso básico.

Para a quase totalidade destes homens não faz sentido falar de transições para a reforma. A maioria, sendo agricultores, nunca se reforma verdadeiramente – podendo, no entanto, reduzir o ritmo ou intensidade do trabalho face a algumas limitações físicas próprias do envelhecimento. E aqueles que se reformam, geralmente têm actividade nas hortas, quanto mais não seja para consumo próprio. De uma forma ou outra, a maioria destes homens mantém uma actividade própria dos ritmos do campo, mesmo depois da reforma, na realidade pouco sentindo essa suposta transição.

Se a actividade física diária destes homens é geralmente intensa, o oposto acontece com a actividade cognitiva, educativa, de aprendizagem mais estruturada. E a socialização não é fácil, devido a vários fatores: primeiro, é muito frequente que os familiares, sobretudo filhos e netos, estejam a viver longe – seja noutras zonas urbanas do Algarve ou do país, seja noutros países Europeus. Segundo, não é fácil arranjar um local e oportunidade de socialização, que não esteja dependente de um automóvel. O acesso à cultura é difícil. Terceiro, embora os vizinhos sejam conhecidos, são poucos. Se acaso ocorre algum conflito entre eles, a socialização transforma-se, com muita frequência, em isolamento. É assim natural que as redes sociais típicas destes homens sejam pequenas em dimensão e não satisfatórias. É assim compreensível que estes homens indiquem, como maiores problemas que afetam os adultos mais velhos desta zona, o acesso à saúde pública, a falta de lugares para socializar, a falta de eventos culturais e a solidão.

Muito poucos homens pertencem a associações de qualquer tipo. Entre este grupo há um nível muito baixo de participação em atividades de aprendizagem, supostamente devida à sua inexistência; dificuldades de mobilidade; dificuldades nos transportes. Os papéis de género são muito tradicionais e baseados numa dominância clara dos homens, embora pareçam em evolução. Por um lado as novas gerações já não parecem possuir estas diferenças tão marcadas. Por outro, os próprios homens assumem que as práticas das gerações mais novas são mais justas do que foram as suas. A identidade serrana é forte no seu sentimento de pertença e claramente diferenciada das identidades mais comuns nas populações litorais. Mas há uma enorme descrença no futuro, como se estes homens acreditassem que não há possibilidade nenhuma de inverter os rumos de desertificação humana em curso há mais de quatro décadas.

3) Homens de zonas urbanas ou rurais, nível de escolaridade médio/ alto

Este grupo inclui homens de mais de 60 anos, cujos níveis de escolaridades vão desde 9/12 até diplomas universitários. O seu nível de escolaridade foi fundamental para que a maioria destes homens tivesse acesso a ocupações profissionais de maiores níveis de rendimento e *status* social. É ainda preciso notar que habilitações escolares que hoje consideramos médias eram, há quatro ou cinco décadas atrás e face à média nacional, habilitações que garantiam o acesso ao emprego; e que o mercado de trabalho local era muito mais marcado pelo capital social e simbólico, do que pelo credencialismo que hoje se verifica. Assim sendo, neste grupo identificamos um conjunto muito alargado de ocupações profissionais qualificadas, que vão desde professores, engenheiros, profissões técnicas, empresários, e até professores do ensino superior.

Os bens possuídos por estes homens, hoje, são reveladores do alto capital financeiro que tiveram ao longo das suas vidas, e que lhes permite, hoje, viver uma vida autónoma e independente. A grande maioria tem carta de condução e carro próprio, embora alguns já não conduzam devido à idade. Quase todos têm casa própria. A grande maioria usa computadores e o acesso à internet serve, não só para navegarem nas redes digitais, mas também para consultar as notícias (actividade que alguns fazem diariamente). Todos têm telemóvel e alguns usam um número alargado de aplicações para acesso a serviços, por exemplo. O elevado capital financeiro permitiu a um conjunto significativo destes homens o hábito de viajar para outros países e o acesso à cultura. Alguns sofreram problemas de saúde (ou os seus familiares) que precipitaram a decisão de se reformarem. Mas o seu capital financeiro permitiu-lhes reagir adequadamente frente a problemas de saúde, que acabam por ser uma limitação apenas relativa. Há ainda casos de homens que ajudam, financeiramente, as suas famílias.

As suas transições para a reforma foram, geralmente, bem-sucedidas, devido a um conjunto alargado de motivos: primeiro, as suas redes de sociabilidade tendem a ser maiores em dimensão e relativamente satisfatórias. Valorizam muito a família, o contacto com filhos e até o cuidado aos netos. Mantêm, globalmente, amizades construídas através da profissão e alguns tiveram, ainda, a capacidade de fazer novas amizades depois da reforma. É muito frequente que estes homens contactem regularmente com o grupo de amigos mais antigos, em cafés, ou restaurantes; e, em muitos casos, a socialização estrutura-se em torno de atividades pré-existentes á reforma, no seio de organizações comunitárias (clubes, associações culturais, etc.). Ou seja, estas redes sociais são uma fonte importante de apoio e funcionam como fonte de apoio durante a transição para a reforma. Segundo, o elevado capital financeiro, mas também elevados capitais sociais, culturais e simbólicos. O capital social, por exemplo, foi determinante em vários casos para a progressão profissional, a mudança de carreira e até a entrada no mundo da política local (em vários casos, uma actividade central, noutros, apenas verificada durante um período das suas vidas). O elevado

capital cultural e simbólico fez com que muitos destes homens fossem capazes, não só de consumir produtos culturais, mas também de se assumirem como produtores de cultura, através de um conjunto alargado de associações, de cariz social ou cultural, grupos amadores de teatro, etc. Estes recursos, que foram marcando o percurso das suas vidas, tornam-se recursos valiosos na transição para a reforma e nas suas vidas depois da reforma que, globalmente, continuam muito ativas. Terceiro, e já como consequência dos fatores anteriores, estes homens têm recursos para manter um nível físico adequado, seja devido ao capital financeiro que lhes permitiu reagir em caso de doenças graves, seja mantendo uma actividade diária saudável – por exemplo, as caminhadas diárias são uma actividade recorrente. Quarto, alguns destes homens tiveram e/ou têm, hábitos de participação comunitária e política assinalável. Alguns participaram ativamente nos movimentos espontâneos do pós-25 de abril, por exemplo. Globalmente, os hábitos que então ganharam mantiveram-se, durante anos. Se depois da reforma é certo que o seu nível de actividade, nalguns casos, decresceu, também é verdade que essa actividade lhes trouxe ganhos em termos de socialização e capital simbólico local.

É ainda importante dizer que estes homens são capazes de identificar uma série de problemas mais comuns aos adultos mais velhos: a falta de actividade, apatia, isolamento ou solidão, por exemplo. Mas não afirmam que o problema está na oferta (parcialmente compreensível, dado que parte da oferta foi da sua responsabilidade individual e até colectiva): afirmam que há muitas actividades físicas, educativas e de aprendizagem disponíveis, se bem que muitas vezes não aproveitadas, pelos cidadãos mais velhos. E um número considerável, se bem que não maioritário, considera que as actividades intergeracionais são fundamentais – alguns, aliás, sentem, eles próprios, a falta de contactarem mais vezes com gente jovem. A maioria destes homens revela ainda a vivência de papéis tradicionais de género e uma forma de pensar o género muito conservadora, nalguns casos até chauvinista.

Para além das entrevistas realizadas a estes 90 homens, a nossa equipa organizou, ainda, um conjunto de **sessões de discussão em grupo focal**. Nestas sessões discutimos e ouvimos as percepções de pessoas representantes do poder local e de organizações da sociedade civil que, de uma forma ou outra, têm um papel importante junto aos adultos mais velhos. Seguidamente, apresentamos uma síntese dos resultados destas discussões em grupo focal, relativas aos concelhos de Faro e Olhão:

- a) Parece haver uma geração empobrecida de baixíssimo nível de literacia, que sofre de um conjunto muito alargado de problemas. Corresponde aos adultos com mais de 80 anos que hoje vivem numa terrível dependência em relação às instituições de ajuda. No entanto, os participantes pensam que as gerações que virão a seguir serão muito diferentes, não só nas condições estruturais básicas que possuem, mas também nas atitudes em relação à educação e à aprendizagem. As novas gerações de adultos mais velhos, na sua opinião, terão atitudes mais consentâneas com os referenciais do envelhecimento ativo.
- b) Há uma grande falta de respostas para lidar com os problemas de saúde mental como, por exemplo, acontece com as demências – muito vulgares entre os maiores de 80 anos, de uma forma global. Há falta, nas instituições, de técnicos com capacidade para lidar com estas situações e para ajudar as famílias destes adultos.
- c) Nos concelhos de Faro e Olhão, os participantes consideram que existe um número suficiente de actividades físicas, desportivas, de educação, de aprendizagem e culturais. Ao mesmo tempo, os participantes também estão conscientes de que a circulação da informação respeitante a estas actividades é muitas vezes deficiente; e que há problemas de organização e no trabalho em rede. Neste sentido, seria preciso

estimular a cooperação em rede entre as várias entidades que se preocupam pelos adultos mais velhos. Instituições de outra natureza – como os serviços de saúde ou segurança – ou simplesmente grupos de pessoas – como os cuidadores informais – deveriam ser incluídas nestas redes de trabalho.

- d) Os homens reformados são retratados como passivos, quando comparados com as mulheres. Enquanto as mulheres participam facilmente em atividades mais estruturadas (educativas ou recreativas), os homens são mais difíceis de motivar. Quando livres das suas rotinas profissionais, têm a tendência para se refugiar na TV ou passar o tempo nos parques públicos.

As discussões em grupo focal, com participantes do concelho de São Brás, têm algumas semelhanças com o que foi dito atrás, mas também algumas diferenças. Os pontos sintéticos que caracterizam as percepções destes participantes são as seguintes:

- a) São Brás é um território relativamente pequeno com um alto nível de proximidade entre os líderes principais do concelho, o que facilita a coerência e a organização geral das atividades que se referem aos mais velhos. O município é central neste contexto e as relações entre o município e os líderes das organizações da sociedade civil são fluidas.
- b) Foi amplamente discutido a importância de manter os adultos mais velhos ativos e o papel que a aprendizagem tem neste contexto, bem como as diferenças entre homens e mulheres face à aprendizagem. A universidade da terceira idade é promovida pela administração local e parece bem-sucedida. Tem cerca de 400 participantes, uma grande variedade de atividades e um enorme interesse nas TIC (8 grupos, neste momento, aprendem TIC de níveis diferentes, e não já só de iniciação). No entanto, a maioria dos participantes são mulheres. As atividades mais estruturadas – vulgarmente poderíamos designá-las por “aulas” – atrasam sobretudo mulheres. Nas atividades que ocorrem na piscina é difícil encontrar mulheres da zona serrana, devido à sua imagem do corpo; e é quase impossível encontrar homens na dança. No extremo oposto, encontramos na Casa do Benfica uma grande maioria de homens, quando se organizam viagens para ir assistir a jogos de futebol em distintos lugares do país; ou quando se organizam campeonatos de sueca ou outros jogos. Nas atividades que envolvem competição, os homens parecem predominar.
- c) Tal como já acontecia com a visão dos participantes dos focus de Faro e Olhão, os participantes acreditam que as próximas gerações de adultos mais velhos terão uma atitude muito mais positiva em relação à aprendizagem e à actividade física, condições importantes para melhorar ou manter a qualidade de vida das pessoas.

PARTE 3: RECOMENDAÇÕES PARA AS ORGANIZAÇÕES COMUNITÁRIAS LOCAIS

No decurso da nossa investigação identificámos um conjunto de problemas cujas possíveis soluções vão mais para além das possibilidades de acção dos municípios. Trata-se de medidas que poderiam ser abordadas a partir de políticas públicas, por exemplo, ou dependem, sectorialmente, de áreas sob o controle do Estado Central. Embora saibamos que estas recomendações não são dirigidas às organizações comunitárias é, ainda assim, nosso dever ético apontá-las.

- a) *Aumento do nível de qualificações da população Portuguesa, especialmente da população adulta*: esta deveria ser, sem dúvida, uma prioridade nacional. Na nossa

investigação ficou demonstrado que o nível da escolaridade foi determinante ao longo da vida. As baixas qualificações das pessoas tiveram como consequência o acesso a profissões de grande desgaste e baixo capital financeiro, social e cultural. Isto impediu que durante a vida ativa os adultos acumulassem algo para salvaguardar acidentes pessoais ou uma reforma mais confortável. Estes baixos capitais, ao longo do tempo, foram introduzindo outras desigualdades. O resultado final é que estes adultos chegam à idade da reforma numa situação crítica, muitas vezes na pobreza ou em risco de pobreza. Como consequência, os problemas inerentes a esta geração recaem, não tanto sobre as famílias, mas sobre as estruturas de apoio social na velhice, empurradas para modelos de puro assistencialismo, quando poderiam realizar, na verdade, papéis estruturalmente mais importantes.

- b) *Políticas públicas para apoiar os adultos mais velhos.* No presente cenário, estas políticas recaem na subcontratação, pelo Estado, das organizações da sociedade civil (maioritariamente IPSS) de apoio aos mais velhos, numa tentativa de compensar condições estruturais com serviços de apoio. Mas o modelo, baseado quase unicamente na institucionalização dos mais pobres e na privatização dos serviços para os mais ricos, não serve as necessidades da população, para além de representar uma política fomentadora de desigualdades sociais. Estas políticas imprimem desvios em termos de classe social e género e não poderão ser mantidas a médio-longo prazo, face às dinâmicas e projecções demográficas do nosso país. A simples proliferação de centros de dias, lares ou serviços de assistência domiciliária, através da Segurança Social, representa um modelo esgotado. Falta-lhe criatividade e, sobretudo, outro tipo de alternativas comunitárias mais adequadas face à enorme heterogeneidade da situação dos adultos mais velhos.
- c) *Mudanças nas políticas de apoio aos cidadãos mais velhos.* Para que ganhem uma perspectiva de médio-longo prazo e possam apoiar a melhoria da qualidade de vida dos adultos mais velhos, as políticas públicas deveriam:
 - i. Apoiar as famílias dos adultos mais velhos para que estes pudessem permanecer com as suas famílias, parando de engrossar o número de adultos mais velhos que necessitam de institucionalização;
 - ii. Regulamentar a emergência de casas comunitárias com cuidados de cuidadores certificados pelo Estado, pequenas, que recebessem adultos nas suas próprias comunidades, sem a necessidade de quebrar as suas redes sociais naturais e as suas vivências comunitárias.
 - iii. A certificação (e formação) de cuidadores é uma necessidade urgente, que deve ser regulamentada em parceria com as instituições de ensino superior.
 - iv. A formação e certificação de cuidadores pode e deve estender-se aos cuidadores informais, para a própria protecção destes cuidadores.

Os nossos resultados também aconselham à produção de recomendações mais específicas, dirigidas quer ao poder local, quer às organizações comunitárias. Neste caso, tentámos focar-nos nas recomendações para as organizações comunitárias sabendo que, às vezes, é difícil separar os municípios do tecido associativo do concelho.

- 1) Algumas das melhorias que teriam um impacto positivo na vida dos mais velhos são, primariamente, da responsabilidade dos municípios. Por exemplo, é importante que os transportes públicos sejam melhorados de forma a servir melhor os cidadãos com problemas de mobilidade, adaptando-se os horários e itinerários à vida dos adultos mais velhos. No entanto, algumas das seguintes acções, ainda que primariamente da responsabilidade (ou financiamento) dos municípios, podem ser realizadas com a colaboração das organizações da sociedade civil do território. Neste sentido:

- a. Deve ser realizada uma avaliação dos espaços públicos do conselho;
 - b. Depois de feita esta avaliação, devem ser feitas as melhorias correspondentes ou a criação de novos espaços públicos, onde podem tomar lugar atividades dirigidas aos mais velhos. Espaços flexíveis podem acomodar atividades de diferentes naturezas e, assim, a sua utilização pode ser maximizada.
- 2) Os municípios Algarvios (embora só nos tenhamos focamos em Faro, Olhão e São Brás) beneficiariam muito a sua população, se investissem na remoção sistemática das barreiras à mobilidade das pessoas, tomando em especial atenção os cidadãos de reduzida mobilidade.
 - 3) As associações do conselho devem falar e negociar com os municípios tanto o uso como a gestão dos espaços públicos. Muitas experiências existentes, no nosso país e na nossa região, mostram que espaços do município podem ser geridos por associações ou por grupos informais de cidadãos, com vantagens para todos.
 - 4) Os municípios podem apoiar, direta ou indirectamente, instituições que apresentem planos credíveis destinados a melhorar a qualidade de vida dos adultos mais velhos, em todas as suas dimensões: física, educacional, ou de aprendizagem cultural.
 - 5) Melhorar a situação dos adultos mais velhos empobrecidos e em situação de dependência requer uma acção muito mais abrangente, que só pode ser resolvida no âmbito das parcerias alargadas, a nível local e regional. As associações do concelho que trabalhem com adultos mais velhos estão numa posição privilegiada para conhecer e compreender as necessidades da população. A criação de parcerias alargadas, incluindo serviços públicos e entidades privadas, é importante para criar novas soluções que possam resolver os problemas que provocam impactos negativos sobre a qualidade de vida dos adultos mais velhos.
 - 6) À semelhança das redes já constituídas para outras finalidades, os municípios poderiam tomar a iniciativa de constituir redes de trabalho tendo em vista a atenção e a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos mais velhos. Em breve – se não já – representarão uma fatia considerável da população do concelho. Estas redes de trabalho devem incluir as instituições privadas e públicas, sem esquecer os serviços educativos e de saúde.
 - 7) As instituições, de variadas naturezas, que trabalhem com idosos ou organizem atividades para os adultos mais velhos deveriam fazer um esforço para incluir, nos corpos dirigentes das suas instituições, utentes maiores de 60 anos de idade. Neste momento, verifica-se uma separação quase completa entre os corpos gerentes e técnicos de centros de dia ou lares, e os seus utentes, que, em muitos casos, não têm nenhuma possibilidade de influenciar as regras das instituições que governam o seu quotidiano.
 - 8) As instituições, de variadas naturezas, que trabalhem com idosos ou organizem atividades para os adultos mais velhos deveriam estar conscientes de que a participação de homens e mulheres é função de diversos fatores. Homens e mulheres interessam-se por atividades muito diferentes. Deverá existir uma diversidade, na organização destas atividades, que assegure que homens e mulheres podem escolher, livremente, as atividades mais adequadas aos seus interesses.

Referências:

- Findsen, B. & Formosa, M. (2011). *Lifelong Learning on later life. A handbook on older adult learning*. Rotterdam: Sense Publishers.
- Fonseca, A. M., & Paúl, M. C. (2006). *Envelhecer em Portugal*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Fragoso, A., & Formosa, M. (2014). Discussion and conclusion. In Sabina Jelenc Krašovec & Marko Radovan (Eds.), *Older men learning in the community: European snapshots* (pp. 99-107). Ljubljana: Universidade de Ljubljana.

- Fragoso, A., Ricardo, R., Tavares, N. & Coelho, A. (2014). Shoulder to shoulder? Masculinities and informal learning in later life. *Andragoska Spoznanja (Andragogic Perspectives)*, 20(3), 27-39. DOI: <http://dx.doi.org/10.4312/as.20.3.27-29>
- Gil, A. P. (2007). Envelhecimento activo : complementariedades e contradições. *Forum Sociológico*, n.º 17, pp. 25-36.
- Machado, F. & Medina, T. (2011). Senior Universities and Learning Pathways. In E. Veloso, P. Guimarães, F. Martins, D. Silva, and M. A. Faria (eds.). *The Elderly, Education, Intergenerational Relationships, and Social Development. Proceedings of the Second Conference of ELOA* (pp. 194-202). Braga, Portugal: CIED – Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação, Universidade do Minho.
- Machado, P. (2007). Reflectindo sobre o conceito de envelhecimento activo, pensando no envelhecimento em meio urbano. *Forum Sociológico*, n.º 17, pp. 53-63.
- Paúl, C., Ayes, S., & Ebrahim, S. (2006). Psychological Distress, Loneliness, and Disability in Old Age. *Psychology Health and Medicine*, 11(2), 221-232.
- Paúl, C., Ribeiro, O. (2009). Predicting Loneliness in Old People Living in the Community, *Reviews in Clinical Gerontology*, 19, 1-8.
- Paulos, L., & Fragoso, A. (2017). Reclaiming the community potential to improve the lives of older citizens. *Research on Ageing and Social Policy*, vol 5, n01, p. 57-81. ISSN: 2014-671X. DOI: 10.4471/rasp.2017.2450
- Quaresma, M. L. (2007). Envelhecer com futuro. *Fórum Sociológico*, n.º 17, pp. 37-42.
- Ribeiro, O., & Paúl, M. C. (2012). *Manual de Gerontologia. Aspetos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento*. Lisboa: Lidel.
- Ricardo, R., Tavares, N., Coelho, A., Lopes, H., & Fragoso, A. (2014). Learning in informal spaces in the community: A case study from Southern Portugal. In Sabina Jelenc Krašovec & Marko Radovan (Eds.), *Older men learning in the community: European snapshots* (pp. 63-78). Ljubljana: University of Ljubljana.
- São José, José (2012). A divisão dos cuidados sociais prestados a pessoas idosas. Complexidades, desigualdades e preferências. *Sociologia, problemas e práticas*, 69, 63-85.
- Veloso, E. (2011a). *Vidas depois da reforma*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Veloso, E. (2011b). Older Adults and Educational Practices: The Case of a Portuguese Third Age University. In E. Veloso, P. Guimarães, F. Martins, D. Silva, and M. A. Faria (eds.), *The Elderly, Education, Intergenerational Relationships, and Social Development. The Proceedings of the Second Conference of ELOA* (pp. 297-311). Braga, Portugal: CIED – Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação, Universidade do Minho.
- Vicente, M. J. (2007). Envelhecimento demográfico e alargamento do tempo de trabalho – O debate inacabado. Implicações socio-económicas e busca de novos paradigmas. *Fórum Sociológico*, n.º 17, pp. 69-79.
- Villaverde Cabral, M., Ferreira, PM., Silva, PA, Jerónimo, P., & Marque, T. (2013). *Processos de Envelhecimento em Portugal: Usos do tempo, redes sociais e condições de vida*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.